

A BIBLIOTECA PÚBLICA COMO UM ESPAÇO EM DISPUTA

THE PUBLIC LIBRARY AS A SPACE IN DISPUTE

Willian Eduardo Righini de Souza^a

RESUMO

Objetivo: Investigar os diversos usos do espaço da biblioteca pública e as oportunidades que ele oferece para os seus usuários reais e potenciais. **Metodologia:** A partir da análise de estudos de caso promovidos por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, reflete, em uma perspectiva exploratória, sobre as apropriações do espaço pelos usuários das bibliotecas públicas. **Resultados:** As bibliotecas públicas têm sido frequentadas por pessoas sem residência fixa em busca de abrigo, membros da comunidade que precisam de um local para o estudo, trabalho e lazer e por aqueles que não enfrentam problemas econômicos ou sociais, mas que procuram profissionais mediadores para uma diversidade de recursos e serviços. **Conclusões:** Ao mesmo tempo em que a biblioteca amplia os seus atrativos e conquista um público heterogêneo, o encontro e o convívio entre pessoas de diferentes origens e necessidades criam desafios para o uso compartilhado do espaço. Assim, novos estudos devem considerar essas limitações ao discutir a divisão da biblioteca pública em setores, a oferta de mobiliário, a presença de profissionais qualificados, entre outras características que visam consolidar a biblioteca como um espaço público.

Descritores: Biblioteca Pública. Espaço Público. Estudo de Usuários.

1 INTRODUÇÃO

Enquanto matéria, ocupamos um espaço. Estamos em casa, na rua, na escola, no parque, mas raramente questionamos o direito de estar ali. O espaço ganha contornos mais nítidos quando algo/alguém visto como um intruso o adentra, contribuindo para discursos sobre invasão, ocupação e ameaça a um espaço antes pouco problematizado ou mesmo percebido. Ao construirmos paredes, muros, preenchê-lo com objetos e pessoas, estabelecemos valores que o vinculam a determinados grupos. Porém, como os significados dependem da

^a Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP). Bibliotecário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. E-mail: wrighini@yahoo.com.br

intenção humana, eles se transformam ao longo do tempo e a partir de interesses diversos. Logo, não é possível garantir um sentido permanente nem consensual, mas existe uma constante disputa. Quando um grupo tenta definir uma função para um espaço, ela pode ser rejeitada por parte dos seus usuários, possibilitando usos indesejados ou inesperados.

Uma biblioteca pública pode ser definida como um espaço que dispõe de características singulares, como um acervo bibliográfico, serviços de referência, profissionais mediadores, entre outras. Quando um determinado espaço ganha um novo uso, os alicerces que garantiam seu significado se desestabilizam e conflitos emergem em torno de um novo conceito. As diferenças de visão não permitem um consenso, mas as funções do espaço podem ser atualizadas a partir do que Leite (2007) chama de possibilidade de entendimento, ou seja, uma concordância mínima sobre o que aquele espaço significa.

Nos últimos anos, vemos discussões sobre novos usos do espaço da biblioteca pública, contradizendo o que, para alguns, é a sua função: um espaço que disponibiliza um acervo bibliográfico para a pesquisa e o estudo. Assim, quando pessoas sem residência fixa¹ começaram a ocupar a biblioteca, tornou-se possível questionar o seu uso como refúgio. Seja para se proteger do frio como para assistir televisão, essas pessoas encontraram, na biblioteca, um espaço seguro e inclusivo.

Contudo, a ênfase na ocupação do espaço por pessoas sem residência fixa camufla que elas não são as únicas a precisar de um espaço para aquilo que não têm acesso no seu dia a dia ou o têm de forma insatisfatória. Se as pessoas sem residência fixa frequentam a biblioteca como uma casa, outros a utilizam como local de trabalho, de encontro com amigos, escola etc. Nesse sentido, apresentamos a biblioteca pública como um espaço compartilhado por diferentes grupos que a buscam para satisfazer inúmeras necessidades, desde se proteger do frio como adquirir novos conhecimentos a partir dos recursos disponíveis.

¹ Consideramos o termo pessoa sem residência fixa o mais abrangente para incluir moradores de rua, de abrigos, que ficam em cômodos improvisados por terceiros, entre outros exemplos de falta de moradia.

Ao invés de focar em seus serviços, visamos indicar como as pessoas recorrem à biblioteca em busca de um espaço e como ele recebe diferentes usos a partir das demandas de cada público. Iniciamos a discussão sobre o caso mais evidente: pessoas que procuram a biblioteca como abrigo. Em seguida, mostramos como pessoas com moradia e até mesmo aquelas de classes sociais mais elevadas podem se beneficiar dos seus diferentes espaços. A partir de uma abordagem teórica que inclui reflexões da Ciência da Informação, Sociologia e Arquitetura, procuramos explorar as possibilidades de reconhecimento e uso do espaço da biblioteca pública a partir dos valores que lhe foram atribuídos.

O artigo surgiu do interesse de melhor compreender e se aprofundar nas discussões sobre a presença de pessoas sem residência fixa nas bibliotecas públicas, além de verificar se já existia alguma discussão no Brasil sobre o tema. Desse modo, entre junho e outubro de 2020, realizamos buscas no Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e no Google Acadêmico utilizando descritores como “*homeless AND library*”, “*homelessness AND library*”, “*sans domicile fixe AND bibliothèque*”, “morador de rua AND biblioteca”, entre outros sinônimos. Como indicado, foram utilizados descritores em três línguas, considerando os conhecimentos prévios do autor: inglês, francês e português.

A quantidade de artigos e outros materiais disponíveis em língua inglesa é expressiva, especialmente a partir da década de 1980. Para os nossos objetivos, selecionamos apenas alguns títulos que, a partir da leitura dos resumos, avaliamos como atuais, provenientes de fontes relevantes e condizentes com a proposta do artigo, sem a intenção de listar toda a produção sobre o tema. Alguns artigos foram escolhidos a partir das referências bibliográficas dos primeiros trabalhos recuperados.

Embora não tivesse a intenção de ser uma revisão bibliográfica exaustiva, mas de encontrar referências que permitissem explorar a relação entre pessoas em condições habitacionais difíceis e os espaços da biblioteca, podemos afirmar que essa discussão se concentra nos países/regiões de língua inglesa, sobretudo Estados Unidos e Reino Unido. Nesse grupo inserem-se Hodgetts e outros (2008), Kelleher (2013), Muggleton (2013), Giesler (2017) e Walsh (2018).

São trabalhos que tem como tema central a presença de pessoas sem residência fixa na biblioteca pública.

Nos últimos anos, pesquisadores de países nórdicos também têm discutido, de uma maneira mais ampla, os desafios e oportunidades das bibliotecas no século XXI, o que inclui o atendimento de grupos vulneráveis, como refugiados e pessoas sem residência fixa. Esses autores destacam a biblioteca como um espaço público onde diversos grupos se cruzam e participam das mais diversas atividades, desde aulas de línguas a uso de *makerspaces*. Nessa categoria, recorremos a autores como Aabø e Audunson (2012) e Rasmussen (2016). Em língua francesa, merece destaque o livro de Paugam e Giorgetti (2013), que analisaram a presença dos “pobres” na *Bibliothèque publique d’information* (Bpi), em Paris. Contudo, não se verificou uma produção bibliográfica contínua sobre o assunto em língua francesa.

Em relação ao Brasil, não identificamos nenhum trabalho que tivesse a presença das pessoas sem residência fixa nas bibliotecas públicas como tema central. Ainda assim, recuperamos pesquisas que poderiam dar suporte para essa reflexão, como as que abordam, ainda que de forma secundária, o uso da biblioteca por pessoas que vivem em situações precárias ou em moradias inadequadas para o estudo, como os trabalhos de Kohara (2009), Garrido (2015) e Souza e Dumont (2018). Como fator limitante, a busca bibliográfica não encontrou textos de outras línguas que não utilizaram descritores em inglês, francês ou português.

Independente do país de origem ou do periódico, as pesquisas já publicadas sobre os usuários da biblioteca que não possuem uma residência fixa ou que vivem em moradias precárias tendem a ser estudos de caso, ou seja, analisam as características e anseios dos usuários de uma biblioteca específica. Pela leitura dessas obras, observamos que não é adequado dividir, no que se refere à moradia, os usuários da biblioteca apenas entre aqueles que possuem e não possuem um lugar para morar, mas que existem diversos níveis de limitação habitacional que podem ser atenuados pela frequência à biblioteca pública. Portanto, a discussão e a análise foram divididas em três seções para apresentar três grupos de usuários: os sem residência fixa; os com pouco espaço

em suas residências; e os que não vivem em situação precária, mas procuram a biblioteca para as mediações que ocorrem em seu espaço. Nesse último caso, incluímos apontamentos sobre espaços emergentes na biblioteca pública, como estúdios e *makerspaces*.

2 PESSOAS SEM RESIDÊNCIA FIXA

Nas bibliotecas públicas do século XXI, sobretudo nos grandes centros da Europa e da América do Norte, a presença de pessoas sem residência fixa é constante. A sua estadia pode ser percebida pela vestimenta, comportamento ou até mesmo pelo cheiro, ainda que outros procurem e consigam permanecer invisíveis. Pela biblioteca ser aberta ao público e não cobrar pelo seu acesso e uso, ela se apresenta como um espaço convidativo para se abrigar do frio, sentar-se confortavelmente, usar banheiros, mas também para ler jornais, navegar na internet e realizar cursos. Em uma pesquisa com 121 pessoas sem residência fixa em Michigan, Estados Unidos, em 2009 (KELLEHER, 2013), 58,4% disseram frequentar a biblioteca para ler jornais, revistas e livros para o entretenimento. Como segunda justificativa, 38,1% afirmaram que a visitavam para acessar informações na internet.

Poucos espaços são receptivos a pessoas sem residência fixa. Centros comerciais, restaurantes e outros locais de consumo são destinados àqueles que podem e querem comprar objetos e serviços. Uma pessoa que sequer tem onde morar não é vista como um cliente, tornando-se indesejável naquele espaço.

Sendo assim, para uma pessoa em situação vulnerável que deseja não ser incomodada, almeja liberdade para realizar diferentes atividades ao longo do dia, ler jornais e websites para se informar sobre os acontecimentos do mundo e ter fácil acesso a profissionais que podem orientá-la caso tenha dúvidas ou anseie apenas conversar um pouco, a biblioteca pública se constitui em um dos poucos lugares disponíveis.

Embora não haja no Brasil uma bibliografia sobre a presença de pessoas sem residência fixa nas bibliotecas públicas, pesquisas já foram realizadas em outros países sobre o tema (HODGETTS *et al.*, 2008; KELLEHER, 2013; MUGGLETON, 2013; GIESLER, 2017; WALSH, 2018), permitindo melhor

conhecer as demandas e características desse público. O Brasil possui várias bibliotecas públicas localizadas em regiões degradadas e carentes que podem receber um público de alta vulnerabilidade social, inclusive pessoas sem residência fixa, mas não encontramos obras que discutissem as particularidades locais. Logo, acreditamos que seja relevante a literatura nacional também se questionar sobre esses usuários.

Ao frequentar uma biblioteca e usar os seus recursos, uma pessoa sem residência fixa tem a chance de se igualar aos demais usuários, ainda que a inclusão não seja automática e exija negociação. Enquanto ela está em uma instituição de assistência social ou em um trecho da rua, ela vive segregada pela sua condição. Ela é facilmente reconhecida e marginalizada por estar aglomerada com indivíduos que carregam o estigma de não ter onde morar. Mesmo que algumas pessoas sem residência sejam percebidas na biblioteca por não ter condições de se higienizar ou vestir-se adequadamente, ela pode sentar-se ao lado de estudantes, pesquisadores, donas de casa, manusear os mesmos livros e jornais e compartilhar os mesmos computadores. Muggleton (2013) acredita que, ao ocupar espaços como o da biblioteca pública, algumas pessoas sem residência fixa conseguem experimentar um sentimento de pertencimento, atenuando as exclusões que elas vivenciam.

Porém, para serem aceitas naquele ambiente, elas precisam se adequar a um conjunto de regras, como não consumir bebidas alcoólicas ou dormir no chão. Elas negociam o tempo todo a sua presença e o direito de usufruir daquele espaço. A representação negativa existente, sobretudo contra moradores de rua, pode dificultar o relacionamento entre elas e os demais grupos de frequentadores, além dos próprios funcionários que devem atendê-las.

Os sentimentos conflitantes em relação a essas pessoas foram expostos, por exemplo, em uma pesquisa realizada em 2007 na Nova Zelândia que perguntou a opinião de bibliotecários sobre o uso da biblioteca como um abrigo contra o frio por pessoas sem residência fixa. Em uma amostra de 346 respondentes, a maioria, 53,5%, defendeu que a biblioteca era para todos e que não deveria julgar os seus usuários, 9,5% argumentaram que essas pessoas tinham o direito de frequentar a biblioteca, mas que deveriam ser monitoradas,

enquanto para 37% as bibliotecas são apenas para pesquisadores e para quem deseja pegar livros emprestados (HODGETTS *et al.*, 2008).

Um dos empecilhos apontados por bibliotecários para o atendimento de pessoas sem residência fixa é que parte desse contingente possui doenças mentais ou vício em drogas e bebidas alcoólicas, criando dificuldades que sobrecarregam os profissionais. Em episódios de conflito, até a polícia pode ser chamada para impedir agressões. Nesse sentido, diversas bibliotecas dos Estados Unidos aprovaram, nos últimos anos, medidas para impedir que elas as frequentassem. O condado de Orange, na Califórnia, aprovou em 2012 uma série de medidas que proibiam as pessoas de dormir sobre os móveis, apresentar falta de higiene pessoal ou carregar sacos de dormir. A cidade de Bethlehem, na Pensilvânia, proibiu que os usuários carregassem mais de duas sacolas e tivessem odor repulsivo. Em Chicago, Illinois, os usuários foram proibidos de tomar banho na biblioteca, além de outras regras já citadas. Porém, a estratégia mais comum para desestimular a frequência de pessoas sem residência fixa é exigir que os usuários tenham um cartão da biblioteca, o que demanda que os interessados apresentem endereço e dados de contato (GIESLER, 2017).

O mais antigo documento institucional citado na literatura como referência para responder às necessidades das pessoas sem residência fixa é a Política 61, intitulada *Serviços da Biblioteca para os Pobres* e adotada pela American Library Association (ALA) em 1990². Essa política conclama as bibliotecas a trabalharem para permitir que as pessoas pobres possam participar de uma sociedade democrática. Ela também sublinha que aqueles em situação de vulnerabilidade econômica podem sofrer de doenças mentais, analfabetismo, fome, discriminação, além de não ter onde morar. Entre os seus objetivos está o de remover todas as barreiras para os serviços da biblioteca, particularmente taxas e assinaturas. Outro ponto é a necessidade de preparar os profissionais da biblioteca para atender esse público. As políticas da ALA foram atualizadas

² O fato de a ALA ter publicado uma política apenas em 1990 não significa que a presença de pessoas sem residência fixa nas bibliotecas seja algo recente. Paugam e Giorgetti (2013) citam relatos desde 1920, sobretudo na literatura norte-americana e inglesa, sobre usuários em situação de vulnerabilidade social que procuravam a biblioteca como um refúgio.

desde então e a Política 61 foi renomeada como B.8.10 (*Lidar com a Pobreza, a Desigualdade Econômica e as Responsabilidades das Bibliotecas*) (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2019).

A publicação, pela ALA, da Política 61 no início dos anos 1990 indica que a discussão sobre os desafios e dificuldades de receber, atender e incluir na biblioteca pessoas sem residência fixa existe há pelo menos 30 anos. Contudo, os principais conflitos surgiram no século XXI, quando bibliotecas estabeleceram políticas para restringir a frequência dessas pessoas e, em contrapartida, foram processadas por impedir o acesso à informação e o uso de um espaço público. No Brasil, a literatura não tem destacado essa discussão e não encontramos registros desse tipo de conflito.

Algumas hipóteses podem ser elencadas para essa diferença entre o interesse nacional e internacional pelo assunto. Em grandes cidades da América do Norte e da Europa, pessoas sem residência fixa procuram as bibliotecas porque encontram espaços confortáveis para a leitura, diversos computadores com internet gratuita, área de lazer para os filhos, salas de jogos e TV. Enfim, eles encontram recursos para passar o dia naquele espaço. Já no Brasil, muitas bibliotecas públicas não apresentam uma boa estrutura, possuindo recursos escassos para a compra de mobiliário, acervo e expansão de setores. Sendo assim, elas podem não parecer atrativas para receber várias pessoas em situação de vulnerabilidade social. Por outro lado, pode existir um distanciamento entre a academia e a prática profissional que ainda não permitiu a identificação desse público específico e a produção de uma bibliografia.

Em alguns casos, há uma delimitação espacial entre os usuários sem residência fixa e as demais pessoas. Giesler (2017) aponta que a arquitetura de algumas bibliotecas permite criar diferentes espaços e cada grupo de usuários se apropria de um deles. Em um estudo sobre os usos da biblioteca pelos usuários mais pobres da *Bibliothèque Publique d'Information* (Bpi), em Paris, Paugam e Giorgetti (2013) observaram que alguns móveis e lugares são vinculados a determinados usuários a ponto de serem evitados pelos demais. Assim, as pessoas não se sentam em uma poltrona, por exemplo, pois entendem ser exclusiva de um frequentador assíduo assim como estudantes evitam

determinadas salas porque são ocupadas, majoritariamente, por pessoas sem residência fixa.

Paugam e Giorgetti (2013) verificaram três tipos de usuários em situação de vulnerabilidade na Bpi. O primeiro está em uma situação de fragilidade: pessoas desempregadas, com poucos recursos, que procuram a biblioteca para realizar cursos, estudar, sempre na expectativa de melhorar de vida. Segundo os pesquisadores, esses usuários têm a preocupação de se distinguir daqueles que passam por maiores dificuldades, como os moradores de rua, sendo discretos e se conformando às regras de uso do local. Elas não são classificadas como pessoas sem residência fixa, mas vivem no limiar, pois não encontram condições propícias em casa para realizar as suas atividades ou mesmo ter uma vida digna. Como veremos, algumas pessoas podem ter uma casa para dormir, mas não uma casa para estudar, ter lazer ou se reunir com amigos.

O segundo grupo é o de dependência: são pessoas que já perderam a esperança de encontrar um trabalho, mas ainda possuem alguns recursos, seja um auxílio estatal ou uma pequena aposentadoria. Elas frequentam a biblioteca para ocupar o tempo livre e se sentir úteis. Elas usam menos os livros para o estudo e valorizam os espaços para ver televisão, navegar na internet, entre outras atividades que lhes causam prazer. Assim como o primeiro grupo, elas estão na fronteira entre as pessoas com e sem residência fixa, procurando a biblioteca para suprir as limitações impostas pela sua condição socioeconômica, como não possuir um plano de acesso à internet (PAUGAM; GIORGETTI, 2013).

Por fim, os usuários em situação de ruptura são aqueles que lutam para satisfazer necessidades mínimas, como um lugar quente para ficar no inverno, um banheiro para se lavar, um canto seguro para cochilar etc. Esses usuários, em razão das roupas sujas, do odor forte, mas também por alguns apresentarem vícios em drogas e problemas mentais, são os mais propensos a serem apontados pelos demais frequentadores e entrarem em conflito com os funcionários da biblioteca (PAUGAM; GIORGETTI, 2013).

Paugam e Giorgetti (2013) diferenciam e classificam as pessoas sem residência fixa que frequentam a biblioteca a partir de sua situação econômica, mas outros recortes são possíveis. Quando fazemos essa discussão, tendemos

a imaginar a pessoa sem residência fixa como um homem adulto sozinho, mas também há mulheres, mulheres com crianças, famílias e cada perfil possui as suas necessidades. Uma família, por exemplo, pode frequentar a biblioteca porque ela oferece opções de lazer e cultura para as crianças. Kelleher (2013) enfatiza que pais sem residência fixa valorizam o ambiente seguro, limpo e gratuito da biblioteca, o que, para eles, é algo difícil de encontrar.

Na Austrália, Shepherd, Petrillo e Wilson (2018) observaram os usuários da biblioteca por status residencial/migratório e identificaram que imigrantes recém-chegados e sem muitos recursos utilizam a biblioteca como local de encontro e estudo. Já Walsh (2018), ao considerar a orientação sexual e identidade de gênero, apontou que integrantes da população LGBTQ sem residência fixa preferem evitar a biblioteca pública para não serem vistos como moradores de rua, uma identidade que eles refutam, além de terem receio de serem expostos e ridicularizados. O autor sublinha que 15-40% dos jovens moradores de rua dos Estados Unidos se declaram como LGBTQ contra 3-5% na população em geral. Ao estratificar os usuários sem residência fixa por faixa etária, Kelleher (2013) percebeu que os jovens pouco frequentam a biblioteca, com exceção de quando não têm outro lugar para acessar a internet. Quando eles têm acesso a computadores em outros locais, como nos abrigos onde muitos ficam, eles não sentem necessidade de frequentá-la. Assim, ao pensar nos espaços para pessoas sem residência fixa, devemos considerar que elas não se resumem à sua situação econômica e que há uma variedade de expectativas entre os diferentes grupos que compõem esse segmento.

3 PESSOAS COM RESIDÊNCIA E POUCO ESPAÇO

Não são apenas aqueles que não possuem uma moradia que veem a biblioteca pública como um refúgio. Para muitos, ela oferece condições não disponíveis em casa. Milhões de pessoas vivem em moradias pequenas, sem muito espaço para o estudo e o trabalho remoto. Vários jovens dividem o quarto com seus irmãos e não conseguem fazer suas atividades em um ambiente sem barulho. Assim, ir à biblioteca é uma alternativa para ter acesso a um espaço adequado para atividades profissionais e estudantis.

Além do tamanho da casa e do seu uso compartilhado, outra limitação que a biblioteca pública pode suprir é a disponibilidade de mobiliário. Seja para o estudo como para o trabalho, uma pessoa precisará de mesas e cadeiras adequadas. A maioria das casas no Brasil não possui um cômodo para ser utilizado como escritório e quando há móveis para esse uso eles estão inseridos em quartos e salas, o que faz com que os seus usuários os utilizem enquanto ocorrem outras ações no local, como irmãos dormindo e pais assistindo a televisão.

Há ainda situações mais graves, como casas sem rede de esgoto e insalubres. Nesses casos, a casa torna-se um lugar a ser evitado, sendo ocupada pelos seus moradores apenas por falta de alternativa, como não ter outro lugar para dormir em segurança. Desse modo, durante o dia, preferem preencher o tempo em locais mais propícios, como no trabalho, na casa de conhecidos ou mesmo perambular pelas ruas. Como vimos, a biblioteca pode ser tornar um abrigo para pessoas em situação de vulnerabilidade social.

A vulnerabilidade também pode ser por outros motivos, como conflitos familiares. Há famílias que vivem em constante disputa, com brigas e agressões físicas. Moradias pequenas e insalubres tendem a agravar a situação, pois os seus moradores não encontram espaço para se isolar. Nesse sentido, eles precisam descobrir um lugar para realizar atividades que poderiam ser promovidas em uma casa, como as atividades escolares.

A biblioteca pode ser um local de encontros, sobretudo quando a casa está localizada em regiões afastadas, com poucas opções de transporte público e infraestrutura. Algumas atividades da escola precisam ser cumpridas em grupo. Caso não seja possível resolvê-las de forma on-line, um lugar espaçoso, com mesas, cadeiras e computadores deverá ser encontrado. Por ser gratuita, a biblioteca é um dos locais mais democráticos para reuniões.

A pandemia do coronavírus (SARS-CoV-2) entre 2019 e 2021 mostrou as limitações do trabalho e do ensino remoto. Inclusive pessoas das classes sociais mais elevadas precisaram repensar como criar um espaço adequado em casa para os estudos dos filhos e as exigências profissionais, ao mesmo tempo em que tinham que se ocupar dos cuidados com as crianças pequenas e a limpeza

dos cômodos. Os espaços da escola e do trabalho precisaram ser substituídos pela casa e ela mostrou as suas limitações.

Oldenburg (1989) divide os lugares em três categorias. O primeiro é a casa, onde realizamos atividades acompanhados de nossos familiares, dormimos, descansamos e estudamos. O segundo lugar é o trabalho, onde passamos parte expressiva dos nossos dias e convivemos com pessoas com características profissionais afins. Por último, o terceiro lugar é onde as pessoas se encontram para momentos de lazer e interação social, como bares e restaurantes. A biblioteca, embora não seja um substituto, pode congrega características de todos esses lugares, oferecendo espaços de estudo, trabalho, convívio e interação entre conhecidos e desconhecidos.

Os cortiços, comuns em algumas das grandes cidades do Brasil, são exemplos de como a moradia afeta a qualidade de vida de uma pessoa. Kohara (2009) analisa como viver em cortiços atrapalha o desempenho escolar de crianças na cidade de São Paulo. Uma de suas conclusões foi que “a possibilidade de retenção dos alunos que residem em cortiços é cerca de quatro vezes maior do que a dos alunos que residem em moradias unifamiliares” (KOHARA, 2009, p. 186). Observa-se que os moradores dos cortiços vivem em um limiar habitacional e que muitos deles até se enquadram na definição de pessoas sem residência fixa, pois são despejados com frequência, não criam laços com os lugares, precisam dividir espaços com inúmeras pessoas e utilizam cômodos que deveriam ser familiares, como cozinha e banheiro, de forma coletiva.

Kohara (2009) aponta que é comum os cortiços terem apenas um cômodo, exercendo as funções de cozinha, sala e quarto. Não há privacidade e as crianças e os jovens sequer possuem um lugar para guardar seu material escolar ou estudar. “Verificamos que 41% das famílias não possuíam mesa e cadeira e 33% não possuíam guarda-roupa, o que é bastante significativo, considerando que são mobiliários necessários para o uso diário.” (KOHARA, 2009, p. 148). Portanto, um morador de um cortiço pode utilizar a biblioteca como uma pessoa sem residência fixa, procurando por um local com ventilação, banheiros e limpeza, mas também como uma pessoa que não considera sua

casa propícia para determinadas atividades, como o estudo. Como diversas pessoas ocupam um espaço reduzido, passar o dia em outros locais é uma opção para evitar conflitos e garantir mais tranquilidade.

Ainda que a moradia possa apresentar inúmeras limitações, a biblioteca pública não é, necessariamente, o local escolhido como alternativa para determinadas atividades. Por viverem em situação de vulnerabilidade social, muitos não conhecem os serviços ou sequer sabem da existência da instituição, exigindo uma postura mais ativa dos profissionais que nela trabalham para atender as necessidades desse público potencial. Segundo Kohara (2009), o centro da cidade de São Paulo possui inúmeras instituições culturais, mas que não são frequentadas pela maior parte das crianças que vive em cortiços. Ao invés de instituições, parte das crianças participa de projetos sociais, sendo as mais beneficiadas no aprendizado escolar.

Outro exemplo de influência do espaço no desempenho escolar/acadêmico é a moradia estudantil. Garrido (2015) realizou entrevistas com estudantes de graduação de oito moradias vinculadas a universidades públicas baianas para identificar a relação que eles estabeleciam com o lugar. De modo geral, os entrevistados apontaram efeitos positivos, como maior interação social, maior habilidade para lidar com conflitos e proximidade com os equipamentos e serviços universitários, como a própria biblioteca. Por outro lado, relataram excesso de barulho, falta de privacidade, número elevado de pessoas por quarto/moradia e estigma de viver em uma moradia estudantil. As condições estruturais do local geraram até constrangimento em um dos entrevistados: “Tenho vergonha, não tenho coragem de chegar aqui, trazer um amigo meu pra vir aqui, tudo quebrado, parece uma casa abandonada.” (GARRIDO, 2015).

O sentimento de vergonha também foi identificado com os moradores de cortiços. Quem mora em uma região muito humilde e afastada, em uma casa pequena, sem móveis, muitas vezes úmida e sem claridade, pode se sentir desconfortável em abri-la para colegas da escola/universidade ou do trabalho. Assim, a biblioteca surge como um local neutro, não vinculado às condições econômicas dos seus usuários, mas com infraestrutura para as atividades exigidas.

Muitos estudantes vivem em condições precárias, sobretudo nas grandes cidades. Esse problema não é comum apenas em países subdesenvolvidos, mas inclui as principais cidades da Europa e da América do Norte, onde o mercado imobiliário é mais aquecido e, conseqüentemente, os preços de compra e aluguel de imóveis são altos. Paris, por exemplo, possui cerca de sete mil imóveis com menos de nove metros quadrado, o mínimo exigido por lei. Há pessoas vivendo em apartamentos de seis, três e até 0,9 metros quadrado. São espaços sem luz, ventilação, banheiro, cama, sobrando apenas um pequeno espaço para dormir. Para alugar esses espaços, estudantes e trabalhadores mal remunerados pagam entre 250 e 480 euros, que convertidos em reais alcançam entre R\$ 1686 e R\$ 3238³ (BIRCHEM, 2018). A valorização constante dos imóveis torna cada vez mais difícil a vida nesses lugares, obrigando que os seus locatários procurem sempre um lugar mais barato e, dessa forma, em piores condições de habitação (HENRIO, 2017).

Desse modo, a única função da moradia passa a ser um lugar para dormir. Todas as demais atividades devem ser feitas fora de casa, sejam as mais simples, como lavar roupa e comer, como estudar, trabalhar e se reunir com amigos e familiares. Permanecer fora de casa todo o dia, inclusive finais de semana, não é uma tarefa fácil, sobretudo para quem não possui recursos para o consumo, como ida ao cinema, centros comerciais e restaurantes. Logo, ir à biblioteca é uma oportunidade, seja para acessar a internet, ler jornais e revistas ou mesmo ver programas de televisão, como oferece a Bpi.

Não são apenas os episódios mais extremos que indicam as limitações da casa para o estudo e o trabalho. Em alguns casos, somente a falta de internet já impossibilita a realização de algo. No Brasil, em 2018, 79,1% da população possuíam acesso à internet no domicílio. Embora seja um número alto, um quarto ou quase 46 milhões de pessoas ainda eram excluídas. As razões pelo não uso não se resumem a questões econômicas, mas também educacionais. 34,7% alegaram não acessar a internet por falta de interesse, 25,4% porque consideravam o serviço de acesso caro e 24,3% porque nenhum morador da

³ Conversão realizada a partir da cotação do Euro em 16 de abril de 2021 no website do Banco Central do Brasil: <https://www.bcb.gov.br/conversao>.

casa sabia usá-la. Desse modo, mesmo que todas as casas recebessem o serviço, uma parte da população continuaria não o utilizando porque não possui os conhecimentos mínimos para aproveitar os seus benefícios. Também devemos considerar a desigualdade desse acesso. Em 45,5% dos domicílios, a única forma de acesso era pelo celular, o que pode ser um complicador para determinados fins, como a escrita escolar/acadêmica. Entre aqueles que tinham acesso à internet em casa, apenas 48,1% a acessavam também pelo microcomputador (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020).

A biblioteca pode suprir essa demanda dos usuários com o oferecimento de uma rede *wi-fi*, computadores de uso livre e gratuito e profissionais qualificados para orientação. Contudo, as bibliotecas brasileiras ainda precisam percorrer um longo caminho para atender essas necessidades de forma satisfatória. Como exemplo, Souza e Dumont (2018) consultaram 34 bibliotecas públicas da região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, sobre a disponibilidade de internet para o público. Das 29 que responderam às pesquisadoras, apenas 11 ofereciam o acesso. Nesse sentido, moradores dessas cidades que não possuem internet em casa teriam dificuldades para encontrar um local onde pudessem fazer pesquisas on-line de emprego, preencher formulários, participar de cursos à distância etc.

4 PESSOAS COM RESIDÊNCIA E EM BUSCA DE MAIS ESPAÇO

Um dos riscos de apontar os benefícios da biblioteca pública para quem não tem residência fixa ou vive em situação precária é pensar que ela se limita a um abrigo. Se, para alguns usuários, ela exerce essa função, ela não deixa de apresentar outros atrativos. Caso contrário, ela não seria frequentada por quem não se encontra em uma situação de vulnerabilidade econômica e social.

As bibliotecas têm se transformado, sobretudo na América do Norte e na Europa, oferecendo espaços para a produção de conteúdos pelos próprios usuários, cursos, exposições, apresentações, entre outras opções educacionais e culturais. Assim, enquanto um local de eventos, ela pode ser tão convidativa como um teatro ou uma casa de shows. Ela ainda possui um diferencial, que é

a presença de profissionais mediadores, agregando valor às atividades existentes. Por exemplo, ao criar um estúdio para a produção de vídeos e áudios pelos seus usuários, a biblioteca pode disponibilizar profissionais que irão orientar o uso dos equipamentos, apresentar softwares que acrescentam qualidade ao produto, ensinar estratégias de divulgação, entre outros. Nesse sentido, mesmo que uma pessoa possa criar o seu próprio estúdio em casa, a biblioteca se diferencia por oferecer, gratuitamente, a consultoria de profissionais qualificados.

Bibliotecas recém-construídas em grandes centros têm se destacado não apenas pela beleza arquitetônica, muitas vezes se tornando pontos turísticos, mas pela utilização dos espaços. Além de se adequarem a modelos de sustentabilidade, elas apresentam espaços flexíveis, que são facilmente reorganizados para oferecer diversas atividades simultaneamente. Também há a preocupação de valorizar espaços de convivência, com mobiliário e recursos que estimulam o trabalho/estudo colaborativo e o diálogo social. Ao oferecer essa estrutura, uma biblioteca tem condições de se estabelecer como um lugar de encontro com amigos e de reunião entre trabalhadores/empresários.

Wood (2020) aponta estudos sobre a importância da interação social para a saúde mental e física das pessoas. Aqueles que estabelecem laços fortes com familiares, amigos e vizinhos tendem a ser mais felizes, viver mais e ter menos problemas de saúde. Porém, o contato social muitas vezes se resume aos espaços do trabalho, casa e escola. Em momentos de lazer, as pessoas até frequentam espaços privados, como bares, mas, além de serem segmentados pela renda dos seus frequentadores, é comum a interação se restringir a indivíduos que já se conhecem, como colegas de trabalho. Em contrapartida, a biblioteca pública, ao oferecer espaços de convívio e ações culturais gratuitas para qualquer interessado, cria oportunidades para um maior diálogo entre pessoas provenientes de grupos sociais distantes. “A definição padrão da palavra biblioteca está obstinadamente ligada a livros e coleções, mas o verdadeiro alicerce não são os objetos, mas a interação humana.”⁴ (WOOD,

⁴ The standard definition of the word, library, is stubbornly attached to books and collections, but the true framework is human interaction rather than objects.

2020, p. 6, tradução nossa).

Em certa medida, os novos usos do espaço da biblioteca são tanto uma resposta como uma consequência das indagações sobre o futuro do livro impresso. Especialmente nos países desenvolvidos, onde há diversas coleções econômicas disponíveis no mercado e a população de baixa renda é menor do que em países como o Brasil, o empréstimo de livros tem se reduzido ao longo dos últimos anos. Rasmussen (2016) verifica uma diminuição no empréstimo de livros nas bibliotecas públicas da Dinamarca desde a década de 1980, o que gerou uma série de questionamentos sobre a sua função. Aabø e Audunson (2012) também identificaram que entre 55-60% dos usuários das bibliotecas da Noruega e da Dinamarca não a frequentam para pegar livros, filmes ou qualquer outro objeto emprestado. Somente em 2017 no Reino Unido, 127 bibliotecas públicas foram fechadas e 712 empregados de tempo integral foram dispensados (MATTHEWS, 2019). Nessa perspectiva, com a diminuição de empréstimo de livros nas bibliotecas, investimentos são cortados a partir de uma suposta falta de relevância dessas instituições na contemporaneidade.

Os leitores, além de comprar edições a preços módicos, podem acessar versões digitais na internet, algumas gratuitas. Parte dos leitores também possui leitores digitais, o que estimula a preferência por *e-books*. Nesse sentido, observamos que as transformações no mercado editorial é uma das principais influências nas discussões sobre o futuro da biblioteca.

Diante dessas transformações, a defesa das bibliotecas deixou de ser feita apenas a partir da riqueza dos seus acervos, mas a partir da variedade de atividades que os seus usuários podem participar durante sua permanência. Barclay (2017), por exemplo, observou que as bibliotecas públicas dos Estados Unidos recebiam mais visitantes em 2013 do que em 1993, quando as pessoas ainda dependiam de livros para elucidar as dúvidas mais básicas, como o nome da capital de um país. Portanto, argumenta que, embora a dependência de materiais impressos seja menor, as pessoas continuam frequentando a biblioteca pública porque encontram outros recursos que justificam a visita. Em sua visão, “o espaço da biblioteca possibilita que as pessoas aprendam, socializem, evadam e se conectem de maneiras que nenhum outro espaço atual

- privado, governamental ou comercial – consegue.”⁵ (BARCLAY, 2017, p. 271, tradução nossa).

Autores como Heseltine (2020) enfatizam que as bibliotecas e os bibliotecários existem para expandir o conhecimento das pessoas, fortalecer comunidades, desenvolver a aprendizagem e a criatividade, sem se limitar a um suporte informacional. Vincular a biblioteca a livros seria um estereótipo que diminui a relevância dessa instituição em um mundo cada vez mais conectado por redes. Assim, propõem que a biblioteca abandone um posicionamento passivo de oferecer acesso a um acervo para assumir um papel de promotora de ações que acrescentam conhecimentos aos indivíduos.

Embora concordemos que a biblioteca deva se adaptar a novos anseios e necessidades, acreditamos que o acervo, quando atualizado e diversificado, continua como um importante ativo, sobretudo para populações que enfrentam dificuldades para comprar seus próprios livros, como ainda é comum na maior parte do mundo. Projetos como clubes de leitura e o sucesso de coleções de livros juvenis indicam que a leitura ainda é uma prática valorizada. Mais do que apresentar o acervo bibliográfico como um resquício de um modelo antigo, devemos pensar em novas formas de utilizá-lo. O próprio Heseltine (2020) encontra alternativas, como em Roterdã, na Holanda, onde um grupo de pessoas criou uma sala de leitura após o fechamento de bibliotecas em 2011. Ao promover festivais de teatro, filmes e discussões, a sala se transformou em um local de encontro aonde a população ia para conversar, aprender e ler os livros disponíveis. Nessa perspectiva, o objetivo deixou de ser oferecer o acesso a uma coleção, mas, a partir de sua existência, criar condições para um maior envolvimento social.

A aprendizagem colaborativa ganhou impulso com o crescimento dos *makerspaces*. O *makerspace* é um espaço no qual os usuários podem utilizar recursos tecnológicos, industriais e artísticos para criar diferentes objetos e produtos, como vídeos e fotografias artísticas. A ferramenta mais popular é a impressora 3D, mas ela não é um pré-requisito. Embora o *makerspace* seja

⁵ Library space makes it possible for people to learn, socialize, escape, and connect in ways that no other present-day space - private, governmental, or commercial - can.

relacionado ao uso de computadores, Bowler e Champagne (2016) adotam uma perspectiva mais ampla e incluem todo tipo de instrumento que permite os usuários produzirem objetos a partir de uma ideia de faça você mesmo.

A criação desses espaços nas bibliotecas se justifica porque eles promovem e disseminam conhecimentos de engenharia, matemática e tecnologia durante a produção de objetos e produtos. No entanto, Bowler e Champagne (2016) acreditam que eles possam ser ainda mais relevantes se conseguirem gerar reflexões sobre o papel e o impacto das tecnologias na sociedade. Além dos conhecimentos necessários para a produção de algo, os autores defendem que mediadores qualificados podem ajudar os usuários a pensar sobre a necessidade de criar tal tecnologia, quais os seus possíveis usos, os efeitos que ela causaria, entre outros questionamentos que incentivariam a formação de cidadãos conscientes.

Os *makerspaces* se mostram harmônicos com essa concepção de “uma mudança na experiência dos usuários: de um consumo passivo para outro de produção ativa durante as visitas aos espaços da biblioteca.”⁶ (BOWLER; CHAMPAGNE, 2016, p. 118, tradução nossa). Porém, além do protagonismo do usuário, os autores defendem que os mediadores possuam um papel essencial na produção do conhecimento. Ao analisar o uso de *makerspaces* por jovens na cidade de Pittsburgh, Bowler e Champagne (2016) observaram a produção de músicas, videoclipes, maquetes e até robôs. Para produzi-los, precisaram recorrer a conceitos de programação, edição, cálculo etc. Porém, raramente fazem análises críticas sobre as suas criações, o público que se beneficiaria de suas obras, o porquê de elas serem úteis etc. Os mediadores reconhecem que os jovens procuram esses espaços para um momento de lazer, divertindo-se enquanto fazem invenções. Ainda assim, profissionais qualificados podem estimular discussões sem abandonar o caráter informal do espaço. Perguntas sobre quem é o público-alvo, a inspiração para a obra, a dificuldade de produzi-la em relação aos seus benefícios, entre outras, podem incentivar debates que agradem a todos. Nesse sentido, os *makerspaces* oferecem dois atrativos: o

⁶ a shift in users' experience from one of passive consumption to another of active production during visits to library spaces.

primeiro, um espaço adequado para a criação de novas tecnologias; depois, o apoio de mediadores que podem enriquecer a experiência, permitindo que ela produza mais conhecimentos.

As possibilidades de comunicação oferecidas pela internet incentivaram uma cultura participativa que inclui a redação de verbetes no Wikipedia, a administração compartilhada de grupos em redes sociais, a edição simultânea de arquivos digitais por diferentes pessoas etc. No entanto, há momentos nos quais as pessoas precisam se reunir em espaços físicos, sendo necessário encontrar lugares que favoreçam essa lógica de participação. A biblioteca pública, ao dispor de espaços para criar produtos, compartilhar conhecimentos e disponibilizá-los para a sociedade, atende a esse requisito (RASMUSSEN, 2016). Uma cultura participativa pode ser impulsionada não apenas pela existência de *makerspaces* na instituição, mas abrange rodas de conversa, clubes de leitura, exposições interativas, entre outros.

Você não gostaria de viver, trabalhar e pagar impostos em uma cidade que tivesse uma biblioteca como essa? A vibração da melhor cafeteria do Brooklyn combinada com um apaixonado contador de informações? Existem mil coisas que podem ser feitas em um lugar como esse, todas construídas em torno de uma missão: *pegar o mundo dos dados, combiná-lo com as pessoas dessa comunidade e criar valor.*⁷ (GODIN, 2016, p. 353, tradução nossa).

A partir dessas possibilidades, os usuários da biblioteca possuem um maior capital social em relação àqueles que não a frequentam, sendo mais propensos a conviver com pessoas de diferentes etnias e origem cultural, engajar-se socialmente, participar de ações comunitárias e apresentar mais confiança nas pessoas e nas instituições (AABØ; AUDUNSON, 2012). Assim, a frequência à biblioteca pública deixa de ser justificada apenas pelo acesso gratuito a algo que o usuário teria dificuldade de adquirir, como uma casa confortável ou uma coleção de livros, para se afirmar como uma oportunidade de convívio social, de aprendizado coletivo e de compartilhamento de dados e saberes.

⁷ Wouldn't you want to live and work and pay taxes in a town that had a library like that? The vibe of the best Brooklyn coffee shop combined with a passionate raconteur of information? There are one thousand things that could be done in a place like this, all built around one mission: take the world of data, combine it with the people in this community, and create value.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biblioteca pública é, potencialmente, um lugar onde se encontram diferentes grupos sociais. Em um mesmo espaço podem conviver pessoas sem residência fixa a membros das classes sociais mais elevadas que estão à procura de interação, cursos e lazer. Essa diversidade aponta para a possibilidade de a biblioteca se consolidar como um espaço público, onde há convívio com a diferença e confronto de ideias.

Essa diversidade é um dos aspectos positivos da biblioteca pública em um mundo segmentado pela desigualdade econômica, bolhas da internet e conflitos políticos, porém ela também apresenta desafios. Como indicamos, existem disputas entre usuários da biblioteca, como moradores de rua que não são bem-vistos pelos demais frequentadores. Assim, a biblioteca pode receber um público heterogêneo, mas que se divide e se isola em pequenos grupos de afinidades. O simples fato de estarem próximos não é garantia de que ocorrerão trocas, mas é necessário criar condições para que o espaço também seja um mediador.

O *layout* da biblioteca e o mobiliário podem estimular a convivência e criar pontos de encontro. A existência de diferentes espaços não depende da construção de paredes, mas pode ser estabelecida por elementos como decoração, disposição dos móveis, perfil do acervo etc. Ao circular por diferentes setores, os usuários terão mais oportunidades de se interessar por algo novo e interagir com um desconhecido.

Os atrativos do espaço podem ser destacados por mediadores. As ações de mediação de profissionais qualificados permitem criar uma ponte entre os anseios de diferentes perfis de usuários. Nesse sentido, a biblioteca precisa conhecer os seus usuários e intensificar o seu contato com a comunidade. Sem uma posição mais ativa, a biblioteca pública perde a chance de atender usuários potenciais, como no caso dos moradores dos cortiços do centro de São Paulo que estão perto de diversos equipamentos culturais, mas sequer os conhecem.

Os conflitos em torno do espaço existirão como consequência de interesses divergentes, fazendo com que emergjam questionamentos sobre a função da biblioteca. A dificuldade de conciliar necessidades opostas é tanto um

desafio para o futuro das bibliotecas como uma oportunidade para reafirmar a sua importância no século XXI.

REFERÊNCIAS

AABØ, S.; AUDUNSON, R. Use of library space and the library as place. **Library & Information Science Research**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 138-149, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.lisr.2011.06.002>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0740818812000023>. Acesso em: 07 set. 2020.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **ALA Policy Manual Section B: Positions and Public Policy Statements**. Anaheim, CA: ALA, 2019. Disponível em: <http://www.ala.org/tools/atoz/poor-andor-homeless-library-patrons>. Acesso em: 24 jun. 2020.

BARCLAY, D. A. Space and the social worth of public libraries. **Public Library Quarterly**, Philadelphia, v. 36, n. 4, p. 267-273, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/01616846.2017.1327767>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01616846.2017.1327767>. Acesso em: 11 ago. 2020.

BIRCHEM, N. Ils habitent dans des appartements de 0,9 m² à 6 m². **La Croix**, Paris, set. 2018. Disponível em: <https://www.la-croix.com/France/Exclusion/habitent-appartements-09-m2-6-m2-2018-09-27-1200972018>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BOWLER, L.; CHAMPAGNE, R. Mindful makers: question prompts to help guide young peoples' critical technical practices in makerspaces in libraries, museums, and community-based youth organizations. **Library & Information Science Research**, [S. l.], v. 38, n. 2, p. 117-124, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.lisr.2016.04.006>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0740818815300840>. Acesso em: 11 ago. 2020.

GARRIDO, E. N. A experiência da moradia estudantil universitária: impactos sobre seus moradores. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 726-739, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001142014>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932015000300726&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 27 jul. 2020.

GIESLER, M. A. A place to call home? A qualitative exploration of public librarians' response to homelessness. **Journal of Access Services**, Philadelphia, v. 14, n. 4, p. 188-214, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/15367967.2017.1395704>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15367967.2017.1395704>. Acesso em: 26 out. 2020.

GODIN, S. The future of the library: what is a public library for? **Public Library Quarterly**, Philadelphia, v. 35, n. 4, p. 351-354, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/01616846.2016.1245008>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01616846.2016.1245008?journalCode=wplq2>. Acesso em: 11 ago. 2020.

HENRIO, Y. Habiter Paris à tout prix ? **Urbanités**, Alfortville, v. 8, p. 1-14, 2017. Disponível em: <http://www.revue-urbanites.fr/8-habiter-paris-a-tout-prix/>. Acesso em: 07 set. 2020.

HESELTINE, R. Toward a new understanding of the purpose and practice of public libraries in the twenty-first century. **Public Library Quarterly**, Philadelphia, v. 39, n. 1, p. 2-16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/01616846.2018.1532279>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01616846.2018.1532279>. Acesso em: 11 ago. 2020.

HODGETTS, D.; STOLTE, O.; CHAMBERLAIN, K.; RADLEY, A.; NIKORA, L.; NABALARUA, E.; GROOT, S. A trip to the library: homelessness and social inclusion. **Social and Cultural Geography**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. 933-953, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1080/14649360802441432>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/action/journalInformation?journalCode=rscg20>. Acesso em: 16 jul. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101705>. Acesso em: 10 ago. 2020.

KELLEHER, A. Not just a place to sleep: homeless perspectives on libraries in central Michigan. **Library Review**, [S. l.], v. 62, n. 1/2, p. 19-33, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1108/00242531311328122>. Disponível em: www.emeraldinsight.com/0024-2535.htm. Acesso em: 16 jul. 2020.

KOHARA, L. T. **Relação entre as condições da moradia e o desempenho escolar**: estudo com crianças residentes em cortiços. 2009. 297 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-10052010-155909/pt-br.php>. Acesso em: 07 set. 2020.

LEITE, R. P. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2. ed. rev. ampl. Campinas: Editora Unicamp; Aracaju: Editora UFS, 2007.

MATTHEWS, J. R. The fragile future of the public library: a disaster or an opportunity. **Public Library Quarterly**, Philadelphia, v. 38, n. 1, p. 1-2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/01616846.2019.1565797>. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01616846.2019.1565797>. Acesso em: 11 ago. 2020.

MUGGLETON, T. H. Public libraries and difficulties with targeting the homeless. **Library Review**, [S. l.], v. 62, n. 1/2, p. 7-18, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1108/00242531311328113>. Disponível em: www.emeraldinsight.com/0024-2535.htm. Acesso em: 16 jul. 2020.

OLDENBURG, R. **The great good place**: cafes, coffee shops, community centers, beauty parlors, general stores, bars, hangouts and how they get you through the day. New York: Paragon House, 1989.

PAUGAM, S.; GIORGETTI, C. **Des pauvres à la bibliothèque** : enquête au Centre Pompidou. Paris: PUF, 2013. Disponível em: <https://books.openedition.org/bibpompidou/966>. Acesso em: 25 jul. 2020.

RASMUSSEN, C. H. The participatory public library: the Nordic experience. **New Library World**, [S. l.], v. 117, n. 9/10, p. 546-556, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1108/NLW-04-2016-0031>. Disponível em: www.emeraldinsight.com/0307-4803.htm. Acesso em: 11 ago. 2020.

SHEPHERD, J.; PETRILLO, L.; WILSON, A. Settling in: how newcomers use a public library. **Library Management**, [S. l.], v. 39, n. 8/9, p. 583-596, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1108/LM-01-2018-0001>. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/LM-01-2018-0001/full/html>. Acesso em: 27 set. 2020.

SOUZA, L. G. S.; DUMONT, L. M. M. Exclusão e inclusão digitais em bibliotecas públicas municipais da Região Metropolitana de Belo Horizonte: análise do serviço de acesso à internet disponibilizado pelas instituições para o exercício da cidadania. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 23, n. 52, p. 48-60, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2017v23n52p48>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/53955>. Acesso em: 28 jul. 2020.

WALSH, B. Public library and private space: homeless queer youth navigating information access and identity in Toronto. *In*: WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS, 26., 2018, Kuala Lumpur. **Proceedings [...]**. Kuala Lumpur: IFLA, 2018. p. 1-11. Disponível em: <http://library.ifla.org/2144/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

WOOD, E. Libraries full circle: the cross section of community, the public sphere, and third place. **Public Library Quarterly**, Philadelphia, p. 1-23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/01616846.2020.1737491>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01616846.2020.1737491>. Acesso em: 11 ago. 2020.

THE PUBLIC LIBRARY AS A SPACE IN DISPUTE

ABSTRACT

Objective: To investigate the different uses of the public library space and the opportunities it offers to its real and potential users. **Methodology:** Based on the analysis of case studies promoted by researchers from different areas of knowledge, it reflects, in an exploratory perspective, on the appropriations of space by users of public libraries. **Results:** Public libraries have been frequented by people without permanent residence in search of shelter, members of the community who need a place for study, work and leisure and by those who do not face economic or social problems, but who seek professional mediators for a diversity of resources and services. **Conclusions:** While the library expands its attractions and conquers a heterogeneous public, the encounter and the coexistence between people of different origins and needs create challenges for the shared use of space. Thus, new studies should consider these limitations when discussing the division of the public library into sectors, the supply of furniture, the presence of qualified professionals, among other characteristics that aim to consolidate the library as a public space.

Descriptors: Public Library. Public Spece. User Study.

LA BIBLIOTECA PÚBLICA COMO ESPACIO EN DISPUTA

RESUMEN

Objetivo: Investigar los diferentes usos del espacio de la biblioteca pública y las oportunidades que ofrece a sus usuarios reales y potenciales. **Metodología:** A partir del análisis de estudios de caso promovidos por investigadores de diferentes áreas del conocimiento, se reflexiona, en una perspectiva exploratoria, sobre las apropiaciones del espacio por parte de los usuarios de las bibliotecas públicas. **Resultados:** Las bibliotecas públicas han sido frecuentadas por personas sin residencia permanente en busca de refugio, miembros de la comunidad que necesitan un lugar para el estudio, el trabajo y el esparcimiento y por quienes no enfrentan problemas económicos o sociales, pero que buscan mediadores profesionales para una diversidad de recursos y servicios. **Conclusiones:** Al mismo tiempo que la biblioteca amplía sus atractivos y conquista un público heterogéneo, el encuentro y la convivencia entre personas de diferentes orígenes y necesidades crean desafíos para el uso compartido del espacio. Así, los nuevos estudios deben considerar estas limitaciones a la hora de discutir la división de la biblioteca pública en sectores, la oferta de mobiliario, la presencia de profesionales cualificados, entre otras características que pretenden consolidar la biblioteca como espacio público.

Descriptores: Biblioteca Pública. Espacio Público. Estudio de Usuario.

Recebido: 17.04.2021

Aceito: 05.10.2021